

E SE EU FOSSE UMA LÔKA PUTA TRAVESTI?

Olinson Coutinho Miranda
Djalma Thurler

Resumo: O presente artigo tem como objetivo dar potência à lôka puta travesti Amara Moira, a partir das narrativas extraídas de sua obra *E se eu fosse puta*, 2018, que é um modelo potente para a subjetivação da loucura de uma puta travesti dentro de uma narrativa autobiográfica. Apresenta uma análise de uma narrativa de si, a qual explicita as dissidências sexuais e de gênero e sua necessária transgressão à heterocisnormatividade, trazendo corpos que expõem suas loucuras, seus desejos, suas alegrias e prazeres.

Palavras-Chave: Puta. Lôka. Autobiografia.

AND IF I WAS A TRANSVESTITE BITCH LÔKA?

Abstract: The present article aims to empower the transvestite bitch lôka Amara Moira, from the narratives extracted from her work *E se eu fosse puta*, 2018, which is a powerful model for the subjectivation of the madness of a transvestite bitch within an autobiographical narrative. It presents an analysis of a narrative of self, which makes explicit the sexual and gender dissidences and their necessary transgression to heterocisnormativity, bringing bodies that expose their madness, desires, joys and pleasures.

Keywords: Bitch. Lôka. Autobiography

Introdução

Há múltiplas maneiras de entender a categoria literatura trans. Talvez a dominante, certamente a mais popular, é como um convite para ver como a identidade, biografia, experiências de vida, ou corpo de um/a transidentidade – particularmente relacionado à sua orientação sexual, práticas sexuais, a anatomia reprodutiva ou sexual, e/ou expressão de gênero – mapeia ou impacta uma produção literária. Nesse sentido, produções como “Erro de pessoa: Joana ou João” (1984) e “Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois”, de João W. Nery; “Ser mulher não é para qualquer um – minhas verdades” (2015), de Flavio Queiroz, sobre Nany People; “Rogéria: Uma mulher e mais um pouco” (2016), de Marcio Paschoal; “Eu, travesti: memórias de Luisa Marilac” (2020), da própria Marilac com Nana Queiroz; “Transradioativa: Você me conhece porque tem medo ou tem medo porque me conhece” (2020), de Valéria Barcellos; “Enverga mas não quebra: Cintura

Fina em Belo Horizonte (2020) confirmam a tese de Moira e Nascimento (2020), a de que “cada vez seja menos possível falar em literatura brasileira, especialmente a da segunda metade do século XX para cá, sem percebermos as produções de temática e autoria LGBTQIA+ como centrais para sua compreensão” (MOIRA; NASCIMENTO, 2020, p. 1).

No entanto, ao concordar com as autoras, nos debruçamos sobre a ideia de que, mesmo com a “crescente produção brasileira de narrativas literárias sobre dissidências sexuais e de gênero” (idem, ibidem), seria importante refundar a ideia de narrativas LGBT pela “língua das loucas”, a língua de toda a multidão *queer*, de toda subjetividade minoritária: “la afeminada, la femenina, la rebelde, la que se ríe mucho, la que ama sin control. La que celebramos, la que odiamos, la que reconocemos o ignoramos” (FOUNTAIN-STOKES, 2013, p. 134), aquelas marcadas pela “perfechatividade de gênero de gays fechativos e/ou afeminados” (COLLING; ARRUDA; NONATO, 2019, p. 3), “uma combinação entre fechação e performance” (COLLING; ARRUDA; NONATO, 2019, p. 30) que

pretende superar os limites conceituais de uma terminologia que não auxilia a compreender a experiência das bichas afeminadas e fechativas que, como vimos, em situações limites, apropriam-se voluntariamente de seus movimentos corporais, acentuando ou diluindo expressividades anexadas pelo transcurso temporal e espacial de repetições performativas de gênero (COLLING; ARRUDA; NONATO, 2019, p. 30).

Nosso entendimento pela “língua das loucas” está em parte modulada por nossa leitura de Lawrence La Fountain-Stokes, quando propõe o termo *transloca* como uma intervenção crítica vernacular, um neologismo útil para explicar a interseção do espaço, geografia e sexualidade no trabalho e na experiência vivida de muitas pessoas, afinal, “translocas son muchas cosas, algunas contradictorias, claro está: performeros, raros (*queers*), innovadores, marginales, exiliados, excéntricos, beldades, revoltosos, amantes, solitarios, amigos” (FOUNTAIN-STOKES, 2011, s/p). É importante perceber que o prefixo trans “no necesariamente bajo la óptica de inestabilidad, o de estar en el

medio, o entre medio de las cosas, sino como idea de *transformación* – de cambiar, poder moldear, reorganizar, reconstruir, construir –”. Quanto ao termo louca, Fountain-Stokes (2011) afirma que,

a su vez, también sugiere una forma de identidad histórica (patologizada a nivel clínico, escandalosa a nivel popular) constitutiva del individuo falto de cordura, de compostura, o de adscripción a la norma dominante: el homosexual afeminado, la mujer demente, el rebelde por cualquier causa; categorías marginadas que en un gesto irónico y juguetón quisiéramos resemantizar al estilo del término angloamericano “queer”: loca como le dice un amigo maricón a otro, como seña de complicidad y entendimiento, de serem entendidos, y no como insulto hostil o broma de menosprecio, aunque tal vez eso también, si vamos a reconocer la crueldad como arte y/o como estrategia de sobrevivencia, o simplemente como odio a sí mismo (Idem, ibidem).

Dessa forma, entendemos o termo translouca como qualquer sujeitx ou ação que se permita ser aquilo que de fato se deseja, é o transcender, sair da estabilidade, performar, mostrar suas loucuras, se transformar, criar e recriar, lutar, permanecer trilhando, é a postura crítica que desafia as ortodoxias, categoria fundamental para entender como as literaturas LGBT se beneficiam da revalorização do termo *queer*, que passou a representar uma posição política, cultural e acadêmica que trabalha ativamente, por um lado, para a reconção, desestigmatização e descriminalização dos gêneros e sexualidades marginalizados, mas, por outro, também procura oferecer uma análise mais ampla do funcionamento do poder e da sexualidade na sociedade, oferecendo leituras e teorizações que vão além das preocupações identitárias. Importante lembrar que na década de 1970, a palavra *queer* era praticamente inédita em América Latina e, as palavras “homossexual” e “lésbica” existiam como a soma total do que o “heterossexual” não era. “Bissexuais” eram, na melhor das hipóteses, sujeitos sob suspeita e as pessoas trans eram chamadas de travestis ou transformistas, sem muita distinção teórica.

Diante dessas contribuições, pensamos na compreensão de uma “estética lôka”, não apenas como uma alternativa ao *mainstream*, mas, enquanto “perversão da língua” (Idem, ibidem), uma contribuição vernácula

para designar a tática política da língua, a língua soco, a língua gilette, a língua pontapé futurista-queer, a voz que denota a estranheza divertida e debochada diante dos fugitivos da Norma e da própria natureza, ou da invenção da natureza, a língua paródica, pintosa, desbocada, ferina e desarvorada, da luta da protagonista para superar a hostilidade do sistema e se impor no ambiente cultural e social do seu bairro, da sua cidade, do seu país. É a língua rococó que rejeita formas e estilos maneirados e polidos, que se manifesta de maneira descontraída, maricas, lôka, com apelo erótico altamente valorizado, afinal, lôka não é o adjetivo que desqualifica, não é o ato enunciativo que detona uma injúria e que torna o sujeito abjeto, ao contrário, é ato nominativo em primeira pessoa, a palavra que uso sobre mim mesma quando falo na terceira pessoa para descrever o que faço: “a lôka sou eu”, “la loca que soy, que somos nosotras y nosotrxs. La loca que nadie quiere ser. Tú, la loca” (FOUNTAIN-STOKES, 2013, p. 134), que sempre romperá com o mundo da racionalidade, com o mundo da ordem burguesa latino-americana, com o sistema.

Parafraseando Mattilda Bernstein Sycamore, em seu “Why Are Faggots so Afraid of Faggots? (2012), as lôkas desafiam, não apenas a violência da lgbtfobia heterossexual, mas, a hipocrisia das normas homossexuais convencionais que dizem que a única maneira de se manter seguro é agir conforme a cartilha binária-heterocêntrica (NASCIMENTO, 2019). Frustrada com a cena sexual homonormativa (DUGGAN, 2002; NAST, 2002; PUAR, 2006), a “estética lôka” reinvoca a extravagância e a subversão que uma vez prosperaram nas subculturas gays a fim de criar uma linguagem, paradoxalmente, perigosa e adorável, uma intervenção ousada e provocadora.

Nesta linha de pensamento, a “estética lôka”, seguindo as contribuições de John Austin (1998), reforça a performatividade dos atos de fala, a capacidade das lôkas de produzir uma ou mais realidades através de seu desempenho, mas, também, reforça o seu discurso enquanto efeito performativo de uma linguagem encenada, pronunciada em seu gozo e celebração diante do público que, assimila, memoriza e aprende. Para Fountain-Stokes (2013), são as práticas artísticas travestis e *drag queens* que desestigmatizam o termo lôka, fenômeno que representa um curto circuito, um giro sobre o desconforto historicamente associado à comunidade e, claro,

à cultura LGBT, porque o epíteto lôka chega sem dor, fascina, intriga e celebra a palavra lôka “como l[a]o más normal del mundo, el símbolo de la celebración de una alteridad transfemenina espectacular, muy particular, que no corresponde a una reproducción tradicional de lo femenino sino más bien al drag o travestismo como monstruosidad estética, algo levemente espantoso pero no por ello menos bello” (FOUNTAIN-STOKES, 2013, p. 137).

É, portanto, a partir do viés da “estética lôka” que faremos a leitura da obra “E se eu fosse puta”, na qual Amara Moira – lôka puta travesti. Moira, em seu devir puta, convida o leitor a repensar os limites entre o decoro da academia e a sujeira das ruas; entre o fervor intelectual e o reconhecimento afetivo; entre as palavras e as emoções que enaltecem a alegria, o sexo, o desejo, o prazer, a diferença e o corpo abjeto.

Por dentro da obra e autora

Amara Moira é travesti, bissexual, puta, professora de Literatura, escritora, doutora em Teoria e Crítica Literária pela UNICAMP e colunista da Mídia Ninja em assuntos que envolvam gênero, LGBT e direitos de profissionais do sexo. Lança a obra *E se eu fosse puta/pura*, em 2016 pela Hoo Editora.

Tem de tudo um pouco, mas sobretudo verdade, dessas que a gente gosta só debaixo do tapete, bem escondida, o dia a dia da rua, a barganha, o homem antes e depois de gozar. Amara se vê travesti e junto descobre a vida a partir de então, puta aonde quer que fosse [...] Corpo que não tem lugar, corpo que se fazia à revelia das regras, das normas, corpo que se prestava pras sombras, essa era eu e não fazia sentido, sequer sabia onde eu queria chegar. Esse livro é sobre a escolha que não faz sentido, é sobre buscar porquê. E se eu fosse puta? E se você? (MOIRA, 2018, capa).

O livro é um relato autobiográfico “numa linguagem desenvolta e sincera” (SILVA; FREITAS, 2020, p. 2) em que a autora/personagem Amara Moira, em “44 textos, entre crônicas e poemas, publicados originalmente em blog e escritos a partir das experiências da autora com a prostituição e seu

processo de transição” (FRANCO; SOARES, 2018, p. 431) expõe suas rotinas, dores, angústias, prazeres, desprazeres, gozos, trepadas, programas, lutas, mas, sobretudo, elabora uma “proposta de (des)construção linguística, literária, moral, social, e até religiosa da nossa maneira de entender o mundo” (Idem, *ibidem*).

O relançamento do livro, em 2018, teve a capa alterada por questões editoriais, dessa vez grafada com o título “E se eu fosse pura/puta”.



Fonte: <https://twitter.com/amoiramara/status/1067402373662982144>

Segundo Amara Moira (2018), a palavra puta sofreu alguns questionamentos comerciais, por exemplo: como o livro seria citado na imprensa especializada? O que fazer com as pessoas que queriam adquirir o livro e que não tinham coragem de comprá-lo, carregá-lo em público, ou até deixar na prateleira de casa? Dessa forma, a autora modifica o título para que a obra pudesse frequentar a casa da família tradicional brasileira, os consultórios médicos, as livrarias do país inteiro (MOIRA, 2018).

Ser lôkamente puta travesti

Serão apresentadas as análises da translouca puta travesti Amara Moira em seu livro *Se eu fosse puta* como forma de (re) existência e de lutas diárias para mostrar quem de fato é, e como conseguiu se encontrar diante da sociedade que vê a travesti somente como representação de prostituição, dor, sofrimento e morte. É a lôka Amara Moira que dará voz às demais putas travestis, potencializando-as e mostrando as loucuras, alegrias e prazeres de ser quem de fato é e o que deseja ser.

Primeiramente, é importante conhecer como sempre é tratada, enquanto puta travesti que se expõe diariamente em busca de seu sustento e, de certa forma, a concretização do prazer. São homens que a tratam como objeto sexual, como abjeto, como repulsa e desejo, porém, muitas vezes, agindo de forma violenta e individualista a seus próprios prazeres. “No caso das travestis, ser diferente é o mesmo que estarem vinculadas ao perigo, ao dejetos social, à anomalia, ou, na melhor das hipóteses, ao caricato” (SILVA; BARBOSA, 2005). Amara Moira descreve:

Eu que me achava poderosa, em condições de peitar quem quer que fosse por conta da criação que tive, não dei conta de evitar que o cliente me forçasse a seguir como o programa mesmo depois de ele ter me machucado, eu sentindo as dores não só físicas, mas também as de não conseguir dizer não. [...] Triste sina de travesti: aticar o desejo alheio e, ao mesmo tempo, o ódio por ter despertado esse desejo. Não atoa nos matam, agridem (MOIRA, 2018, p. 73 e 170).

Moira expõe o sofrimento, a dor, a angústia, a violência de não poder ser o que de fato é e a impossibilidade de se fazer o que se quer fazer. São barreiras criadas por sujeitos que esbarram nos princípios da heteronormatividade e tentam silenciar as vozes, os desejos, as alegrias da loucura em serem travestis e putas.

Um fato importante é o ato das descobertas, das identificações, o do começar a se entender enquanto travesti e puta. Segundo Butler (2015),

aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído, determinado culturalmente, seria aceitar também que o gênero expressaria uma essência do sujeito. O gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes:

Mais de meses remoendo a ideia do “se eu fosse, amigos chocados só comigo me dizer tentada, querendo me convencer que não fazia sentido [...] “te aceite travesti, puta não...você vai pegar AIDS, ser violentada, não tem como, tchau” [...] Decisão tomada, eu só estava pensando os meios, as desculpas esfarrapadas que eu alegraria. Uma vida vivendo o sexo o sexo de maneira precária, me sentindo um lixo por desejar homens e refém desse meu desejo [...] Aí, de repente, descubro que talvez essa a profissão que, enquanto travesti, terei fácil pela frente. Sou tratada igual puta bem antes de me assumir puta (MOIRA, 2018, p. 35).

O tabu em uma pessoa ser puta é totalmente enraizado na sociedade que enxerga o ato de se prostituir apenas como algo pecaminoso, doentio e inferior. No entanto, a procura pela profissão mais antiga do sexo se faz diariamente, pois, em sua maioria, homens e mulheres da família tradicional buscam o gozo e o prazer que não são alcançados em suas relações “estáveis” e vistas como “adequadas” à sociedade da hipocrisia:

Ser travesti já nos torna tabu, daí a maioria ainda encontra a prostituição a única forma de subsistência [...] não é fácil querer encarar esse combo ao nosso lado e, mesmo quando se queira, não é fácil ter estrutura emocional para tanta pressão. O olhar público, a família, o círculo social, às vezes até o trabalho pode estar em jogo, e só por estarem com a gente! A transfobia nos exclui, a prostituição nos abraça e a putofobia amplia a exclusão a que já estamos sujeitas só por meramente existir. E aí o que acontece? [...]Ele doido comigo, fazendo questão de ainda pegar telefone, vê uma bitoquinha aqui, “mas tudo sigilo...esposa...não dá pra vacilar [...] O pai de família respeitável que atendo na zona acha um barato

papar a mim por dindim poquim, o fim da picada eu contar a historinha pra meio mundo (MOIRA, 2018, p. 73, 108 e 176).

O identificar-se, o afirmar-se, o resistir-se enquanto lôka puta e travesti é fundamental para perceber a (des)construção das identidades, possibilitando que os corpos transmitam a alegria, a loucura, a vontade eufórica de gritar para se afirmar quem de fato é e se deseja. Segundo Judith Butler, o corpo em sua opinião

é onde encontramos uma variedade de perspectivas que podem ou não ser as nossas. O modo como sou apreendido, e como sou mantido, depende fundamentalmente das redes sociais e políticas em que esse corpo vive, de como sou considerado e tratado, de como essa consideração e esse tratamento possibilitam essa vida ou não tornam essa vida vivível (BUTLER, 2015, p. 85).

Além do identificar-se, é fundamental ter nome, nome para representar o novo eu, a nova identidade que sempre esteve presente mesmo que inconscientemente. Momento de ser chamada por um nome que representa tanta superação, luta, pois um nome, uma história, que de forma ambivalente se fará entre a condição de vulnerabilidade e resistência (BUTLER, 2016). Ratificando isso, Amara Moira declara:

“Destino Amargo”, Amara Moira: eis o que és, eis o que significa. Um nome, o meu nome, mas ninguém o diz. Sonoro, alegre talvez, como a cara que faço ao receber proposta de um oral por dez, completo vinte. Atender na rua é o que dá, coisa que aprendi de cara. Travesti rodando os insta, mas se dizendo vinte, militante LGBT, feminista, escritora, doutoranda em teoria literária pela UNICAMP nas horas vagas: e puta. “E puta”, mas como?! Mas por quê?! Sem, “mas. Puta porque puta (MOIRA, 2018, p. 32).

Outro desejo fundamental em ser travesti é ser vista, desejada, clamada como mulher. Ser mulher enquanto plenitude do eu que busca a todo momento sua afirmação e identificação. Pensando no fato que “ninguém

nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p. 102). “[...] mulheres transexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres” (JESUS, 2012, p. 15), Berenice Bento (2010) ratifica que “a genitália é apenas uma das partes do corpo. Muitas mudam o corpo, colocam silicone, fazem aplicação a laser para tirar as marcas da barba, deixam o cabelo crescer, se constituem e produzem as expressões do gênero feminino, lutam socialmente para serem reconhecidas como mulheres”.

Ser travesti, ser mulher, ser identificada e ainda mais possibilitar o desejar e ser desejada enquanto mulher. E ser puta ratifica a ideia de afirmação da mulher que existe nos desejos e anseios das travestis, repercutindo a alegria e loucura de ser beijada, abraçada, desejada e dar prazer enquanto corpo feminino:

[...]Juma vez travesti, estar com homens era tão simples, tudo fazendo eu me sentir mais eu, mais mulher [...] tirou minha roupa assim que girou a chave e já veio pra cima de mim, bafão de cerveja, gritando, mas não liguei, porque era ali naqueles braços viris de pedreiro que eu ia aprendendo a me sentir mulher, abraçar, beijar como mulher (MOIRA, 2018, p. 23 e 26).

E o fator mais fundamental, é o poder ser quem de fato você é, trazer à tona a felicidade, a alegria, a festa do seu autorreconhecimento enquanto translouca que grita para o mundo a sua existência e a liberdade de ser travesti e puta. “Decimos loca en voz alta, con tono chillón, y sin ánimo de ofender a nadie excepto a aquellos que no estén dispuestos a escuchar y aceptar” (FOUNTAIN-STOKES, 2011, s.p.). Moira se afirma enquanto puta travesti que tem alegria de suas lôcuras em fazer e ser quem de fato se deseja sem deixar que amarras e imposições a impeçam:

Definitivamente, agora eu era outra e estava disposta a pagar o preço, quer dizer, cobrá-lo, ganhar pelo que eu soube aprender, pelo desejo que me coube atizar. Dois níveis então de foda-se. Não só me fazer como também dizê-lo em minúcias, gritar minha condição, escrever sobre a rua ao mesmo tempo que a vivo, essa agora tão

minha, essas que só os olhos e cu e boca, essa onde eu era livre. [...] Mas, sim, puta porque sempre fiz muito com muitos, sempre com gosto. Se transar adoidado, louca da periquita, é ser puta, então eu sempre fui puta. Agora preciso é começar a ganhar por isso, porque com dezenove aninhos eu já acreditava que levava jeito [...] Vinte minutos depois, nem tanto, eu já tava de volta à rua, euforia, gritando, ainda em choque com o que descobri em mim, essa talvez vocação para ganhar dindim dando tesão: meus primeiros reais na rua, enfim puta, o dever cumprido, emoção bastante pra uma noite só, quase pensando em voltar para casa (MOIRA, 2018, p. 24, 34 e 41).

A alegria de ser puta traz à tona o ato de dar e sentir prazer. E de acordo com Butler (2016), é a representação do desejo enquanto forma condicional e sem limites, percebendo que seus corpos se permitem às loucuras do sexo, do prazer do gozo como corpo-identidade-desejo mobilizadores, paradoxalmente e ambivalentemente: tão nus e tão capazes:

Homens. Ali era permitido desejar meu corpo, ali, somente ali, onde esses me desejavam eram não mais que sombras. As mais vividas, na batalha todas, começam a me atirar pra fazer a rua, ganhar o aquê, grana para chamar de minha [...] comecei por safadeza mesmo, assumo, carência brutal, vontade quem me desejassem, pegassem, pagassem por mim (MOIRA, 2018, p. 33 e 107).

Corpos nus que se desejam, corpos nus que gemem, que explodem de prazer. São corpos que rompem as amarras impostas pela sociedade que não sabe a concretude real do ápice do prazer, do gozar, do se tocar, podendo descobrir suas várias formas e espaços de desejos. De acordo com Beatriz Preciado (2015), os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, reconhecendo a possibilidade de acender todas as práticas significantes. E Foucault (1984, p. 11) afirma que práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifram, a se reconhecerem e se confessarem como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação, lhes permitindo descobrir, no desejo, a verdade de seu ser.

Deitados na cama, braços e pernas se atabalhoavam tudo ao natural, livre de hierarquias, quem manda, quem obedece, sem premeditação ou vontade de acabar mais rápido. Não quis saber de meu pau em momento algum, mesmo com ele duro, mas só do que mim era fêmea: os peitos, que ele acarinhava com boca e mão sôfregas, daí a bunda também, com fervor, e o cuzinho apertado, onde ele passava os dedos. Fui junto, apalpando o volume no jeans dele, tremor pelo corpo inteiro só de imaginar aquela neca dentro de mim, já que não dei nem conta da menorzinha antes (MOIRA, 2018, p. 26-27).

E o encontro dos corpos permite o encontrar numa realidade sem amarras, sem identidades, sem regras e pudores. É importante pensar e se permitir em concretizar ações e desejos fora dos padrões e amarras que a sociedade impõe. Não se pode ser aprisionado a sua própria identidade, seu passado, seus “armários”. É fundamental que os corpos se permitam aos seus desejos e diante da pluralidade das lôcuras, do gozo e do prazer:

Nus na cama, esfregação, camisinha, oral, eu mais divertida vendo o prazer dele do que com a transa em si, me sentindo atriz, até que ele me puxa e começa a me beijar, carinho, barba arranhando a pele... “ei, nossa, uau, que isso menina?!”, disse ele assustando ao me ver toda toda, crescidinha, armada, se vocês me entendem. Raro de acontecer, ele se assustou: “certeza que você gosta de pau?” Parei o bloqueador de testosterona, deu nisso, tesão. Segui o instinto e fui bulinando o corpo dele, bolas, períneo, bunda, ele se tocando alucinado, “ou, ei, não, sim, ui”, boca e olhos se dizendo e contradizendo, até que, aí, por fim, “faz o que quiser de mim”. Travesti vivida sabe o que isso quer dizer, sabe o que ele quer que eu queira, eufemismo para “vem me come”, e lá fui eu massagear o edi, ver se entendi direito (MOIRA, 2018, p. 141-142).

Ser puta lôka como potência é se permitir aos desejos da forma múltipla e diversa, é transar nos diversos locais e posições e se possibilitar o todo no sexo: sem amarras, sem bloqueios, sem frescuras, sem moralismos, sem pudores, sem pecados, sem opressão, sem regras, negações, sem julgamentos. Os corpos são livres para viver as mais diversas e excêntricas

possibilidades de se viver e sentir o desejo, o sexo, o gozo, o prazer. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas (LOURO, 2010, p. 9). Segundo Pereira (2008), as práticas sexuais diferenciadas, em situações tidas como não habituais, em público, com muitas pessoas, em lugares distintos do quarto do casal hetero, se defrontam com o habitual confinamento da sexualidade na esfera privada e doméstica. Amara Moira em suas narrativas se propõe a uma prática sexual fora das amarras impostas, são desejos e ações que são possibilitados para que possa ter o prazer, o gozo em sua plenitude:

Proponho a ele pegar o consolo que eu tinha guardado na bolsa, ele aceita a proposta e lá vou eu atrás do brinquedo. Volto, ele deitadinho na cama, pelado, peludo, travesseiro embaixo do bumbum pra deixá-lo mais alto. Boto a camisinha no brinquedo e parto pra cima dele. Dessa vez entrou até sem gelzinho e foi aí que percebi que, se tivesse colocado a mão ao invés dos dois dedos só, ele teria gostado é bem mais... [...] Eu disse assim mesmo na lata, grilos nenhuns. “Adoro uma linguinha lá, adoro mesmo”. Já no estacionamento, dindim antecipado, beijos, beijos, mão na minha neca por cima da calcinha, aquela coisa bem selvageria e aqui e ali um carinho, eu até que gostando, confesso. Aí ele afasta o banco do motorista para trás, baixa o zíper, eu mando ver, ele elogiando super minha desenvoltura [...] Saímos do carro, agora era o matel, ele querendo por trás, festa nenhuma aos olhos dessa apertada que vos redige o relato (MOIRA, 2018, p. 64 e 72)

Ser lômamente puta travesti possibilita, sem amarras, as diversas formas, loucuras e sabores. E dentre essas diversas formas do prazer, vem à tona o famoso “boquete” (sexo oral), a “garganta profunda” os quais trazem o delírio e o êxtase do prazer da melhor forma possível. São loucuras que só a boca permite alcançar e sentir. “Não, o sexo não se reprime ou ao menos não de maneira uniforme. Não existe unidade do dispositivo repressivo” (SAÉZ, 2016, p. 23). São possibilidades do sexo oral e anal, do ser passivo, do dar o cu. O cheiro, o toque e o gosto provocam explosões de desejos, possibilitando excitação e orgasmos:

E lá fui eu abrindo o zíper do rapaz com essa habilidade que esqueci de esquecer, a boca buscando o fundo através do pau sem nem ralar os dentes durante o entra-e-sai, garganta profunda, engasgando, atravessando a glote. “Calma que assim eu gozo”, me disse após poucos segundos, em seguida emendando um “que boca!” Boca de quem faz com gosto, boca de quem faz feliz, mesmo escorrendo lágrimas dos olhos- o qual o espanto quando me vi excitada, qual o espanto quando descubro ereção num membro que já parecia morto? O cheiro forte mexeu com a minha libido, confesso, nós dois no escuro, eu lambiscando, engolindo a cabecinha dele por não conseguir conter a vontade (MOIRA, 2018, p. 22).

Os corpos se apresentam em suas diversas formas, tamanhos, cores, sexualidades, gêneros e desejos. São corpos que muitas vezes são considerados abjetos, são rejeitados, abnegados, promovendo desprezo e desprazeres. São corpos que escapam da norma, mas, precisamente por isso, são socialmente indispensáveis, fornecem o “exterior” para os corpos que “materializam a norma”, aqueles que efetivamente “importam” (BUTLER, 1999). Escapam ou atravessam os limites da “normalidade” e “ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos” (LOURO, 2004, p. 82). Portanto, corpos abjetos ganham potência com os estudos queer, uma vez que ser queer é ser excêntrico, estranho, esquisito e que provoca desconforto. São corpos estranhos que incomodam, perturbam, provocam e fascinam (LOURO, 2018). É trazer à tona a importância do papel da prostituta em relação a possibilidade e inserção dos corpos abjetos. Corpos que são potencializados e permitidos a concretude do desejo, do sexo e do prazer:

Quem dentre vocês que leem se permitiria viver essa gama de transas, beijos, se permitiria sentir, tentar sentir, fingir ao menos, tesão por esses corpos todos que abundam nos meus braços, corpos (assim como o meu, mas de forma toda outra) rejeitados pela norma, dissidentes, resistentes, preteridos, corpos brutos, gordos, negros, peludos, com deficiência, fora do padrão de beleza, de macheza, autoestima lá embaixo, tímidos, oprimidos, travados, corpos que só sentem à vontade

conosco, que se entregam apenas em nossas camas, que precisam de nós para não pirar nessa vida de exclusões... decorrência direta dos padrões normativos de beleza é algumas pessoas só terem acesso à experiência do sexo por conta das prostitutas. [...] Mas aguardem, o ataque às normas vai se intensificar por aqui: essa língua travesti puta escritora vai ser libertária ou não será (MOIRA, 2018, p. 125).

De acordo com Preciado (2008, p. 60), o cu, como foco de produção de prazer não tem gênero, não é masculino e nem feminino, produz um curto circuito na divisão sexual, é um centro de passividade primordial, lugar abjeto por excelência próximo dos detritos e da merda. A puta e travesti permite a exploração do desejo, do sexo e do prazer em suas formas variadas e excêntricas, destituídas de pudores, normas, padrões ou abjeções. Sendo assim, Sáez (2016) afirma que o sexo anal é visto em sua forma mais prazerosa e potencializada. O cu passa de abjeto de repulsa para aquilo que se deseja, provocando prazer e sedução. O cu é colocado em jogo, uma vez que o sexo anal provoca tanto desprezo, tanto medo, tanta fascinação, tanta hipocrisia, tanto desejo, tanto ódio:

Desenrolo a camisinha com a boca na neca dele, sentindo endurecer aos poucos, as mãos livres massageando bolas, períneo, o cuzinho quase, ver se descubro o que tava a fim. Ele vai deixando, se soltando à medida que me aproximo com os dedos no ponto G, eu massageando a área com delicadeza. [...] Uma hora foi, funcionou: massageando o edi dele com os dedos, imaginando-me capaz de comê-lo, ele me masturbando, quando vi minha neca estava dura e ele prontamente montou em cima de mim, querendo encaixar assim mesmo, no pelo. [...] Mãos à obra, de cara ele solta o famigerado “faz o que quiser de mim, me toca onde quiser”. Quem me lê, já sabe o que significa, onde ele me quer tocando. Sim, edi, cu, justo onde eu vou me achegando ali por baixo, períneo, “vai, faz o que você quiser”, meia bomba virando pedra, ‘sou todo seu, todo seu’, eu ainda massageando, “não me aguento”, ele de aí e ui gemendo os ditongos todos, até que enfim goza (MOIRA, 2018, p. 148-149 e 181).

Amara Moira sempre expõe desejos e prazeres, os quais muitas vezes são renegados pela sociedade da hipocrisia, são ações abjetas que provocam curiosidade, vontade e desejo, mas que são reprimidos e silenciados por conta de regras e normas impostas dentro de um padrão heterossexista, heterocisnormativo e machista. São sujeitxs que muitas vezes possibilitam a realização de seus desejos reprimidos de forma “sigilosa”, tornando uma ação contínua em seu cotidiano. Nesse sentido, ser lôka é possibilitar ser e fazer tudo aquilo o que deseja e que provoca prazer, gozo, alegria, rompendo toda e qualquer forma de padronização e regras impostas e possibilitando a potencialização dos corpos abjetos.

Considerações finais

Dessa forma, percebemos o quão é importante se aceitar e se identificar de fato como uma lôka puta e travesti. Uma vez que ser lôka é superar, lutar, re-existir, desconstruir, construir, romper, ser livre, ser aberta às possibilidades. É importante se impor enquanto sujeitos que têm desejos e anseios, são corpos que se expõem como forma de resistência. Trazer à tona a discussão do ser lôka, ser puta, ser travesti, ser lôkamente puta travesti, é uma forma de possibilitar que o sujeito renegado e abjeto da sociedade possa expor o prazer, a alegria e o poder em ser quem de fato é, em fazer tudo aquilo que deseja. É a exposição dos corpos que estão fora dos padrões e normas pré-estabelecidas que impõem formas de pensar, agir e de ser, impossibilitando que corpos múltiplos da diferença possam viver seus desejos, vontades, prazeres, alegrias e gozos. Portanto, são regras e normas que nunca vão nos calar, impossibilitar e nos obrigar em nada, uma vez que estamos aqui para ser resistência e nos deliciar com o prazer de ser lôka. É o resistir como re-existência, como transgressão, como luta diária, possibilitando o grito que sempre está sendo obrigado a estar preso na garganta. É gritar para si e para o outro que é lôka, que está ali para incomodar e que todxs têm que conviver com a alegria do fluir das diferenças e lôkuras.

Diante do que foi exposto, entendemos o quanto as narrativas de si, as escritas de si têm papel fundamental na produção literária, em específico,

na literatura contemporânea brasileira. São narrativas autobiográficas da puta travesti Amara Moira que copilam uma realidade nua e crua de suas vivências pessoais em práticas sociais e sexuais na labuta diária de uma mulher trans que vende o corpo como forma de sustento e prazer. São escritas pessoais e íntimas que ratificam a real importância de escritas de si como uma língua soco, resistente, incômoda, agressiva, cortante, devoradora, esclarecedora, expositora, cruel, sagaz, quebrante, rasgada, rasgante, destruidora, abalante, desestruturante, desnormalizante. São produções de si que ratificam a importância de se ter produções autobiográficas que trazem à cena as vivências de sujeitos marginais que revelam sua potência, ao tempo que expõem seus desejos, ações e alegrias.

Referências

BENTO, Berenice. Nós fazemos gênero no dia a dia. [Entrevista concedida a] *IHU On-Line. Revista do Instituto Humanitas*. Unisinos (ihu). 2010. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/36605-transexualidade-nos-fazemos-genero-no-dia-a-dia-entrevista-especial-com-berenice-bento>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1999.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. Conferência Magna com Judith Butler-I *Seminário Queer*, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IkLS0xMoZM&t=3894s>. Acesso em: 15 jun. 2021.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 57, p. 1-34, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8658138>. Acesso em: 12 mai. 2021.

DUGGAN, Lisa. The new homonormativity: the sexualpolitics of neoliberalism. In: CASTRONOVO, Russ; NELSON, Dana. *Materialising*

Democracy: Towards a Revitalized Cultural Politics. Durham, NC: Duke University Press, 2002, p. 175-194.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres.* Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANCO, Adenize Aparecida; SOARES, Luis Henrique Moreira. Amara Moira – E se eu fosse puta. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 53, Jan./Apr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10353>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. Translocas: Migración, homosexualidad y travessmo en el performance puertorriqueño reciente. *Emisférica*, v. 8, n. 1, s.p., 2011. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/emisferica-81/lafountain>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. Epistemología de la loca: localizando a la transloca en la transdiáspora. In: FALCONÍ TRÁVEZ, D. CASTELLANOS, S.; VITERI, M. A. (eds.). *Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el Sur*. Editorial EGALES, S.L. Edição do Kindle, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos.* Brasília. 2. ed, 2012. Disponível em: <https://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade.* Autêntica Editora, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MOIRA, Amara. *E se eu fosse puta.* São Paulo: Hoo, 2018.

MOIRA, Amara.; NASCIMENTO, Tatiana. Apresentação: Literatura LGBTQ+. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 61, 2020, p. 01-03. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/35293>. Acesso em: 15 jun. 2021.

NASCIMENTO, Tatiana. *cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor.* São Paulo: n-1 ed, 2019.

NAST, Heide. Queer patriarchies, queer racisms, international. *Antipode*, v. 34, n. 5, p. 877-909, 2002.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. *Interface*, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 499-512, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n26/a04.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

PRECIADO, Beatriz. *Texto Yonqui*. Spain: Huertas. S. A., 2008.

PUAR, Jasbir. *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times*. Durham, NC: Duke University Press, 2007.

SAEZ, Javier. *Pelo cu. políticas anais*. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SILVA, Alessandro Soares da.; BARBOZA, Renato. Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política de Travestis. *Athenea Digital*, Barcelona, n. 8, p. 27-49, 2005. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Athenea/article/view/39153>. Acesso em: 20 jul. 2021

SILVA, Leandro Souza Borges; FREITAS, Ricardo Oliveira de. A reivindicação do espaço urbano em E se eu fosse puta, de Amara Moira. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 61, e 619, 2020, p. 01-10. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/35284>. Acesso em 20 mai. 2021.

SYCAMORE. Mattilda Bernstein. *Why Are Faggots So Afraid of Faggots?: Flaming Challenges to Masculinity, Objectification, and the Desire to Conform*. Chico: AK Press, 2012.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.